



## O ENIGMA DO CAPITAL E AS CRISES DO CAPITALISMO

De David Harvey

São Paulo: Boitempo Editorial, 2011

RESENHA | SONIA ROHLING SOARES

### INTRODUÇÃO

O texto de David Harvey analisa as crises na evolução do capitalismo, explicando o processo pelo qual o capital realimenta sua expansão e acumulação, sempre com novos arranjos temporais e espaciais.

A questão central do livro é o entendimento da representatividade do fluxo do capital. Harvey identifica os mecanismos pelos quais o capitalismo sobrevive; explicando os determinantes da crise de 2008, o autor estuda as condições necessárias para a acumulação do capital e como estas têm superado antigas barreiras.

Ao tratar do entendimento de como o poder do capital formata o mundo, Harvey argumenta em defesa das ideias de Karl Marx. Para tanto, o autor realiza um profundo diagnóstico sobre as inter-relações entre as “esferas de atividades” humanas, as quais devem ser pensadas de forma interdependente. Harvey contextualiza e apresenta as esferas de atividade na trajetória evolutiva do capitalismo.

O autor mostra as razões para a propensão do capital a crises, assim como os riscos que a reprodução do capital representa para a vida do planeta, fundamentado na tese central de que o capitalismo — modo de produção voltado para a acumulação e o lucro —, necessita de contínua expansão e inovação.

Pensa o desenvolvimento capitalista inicialmente, sem considerar sua organização espacial evolutiva na dinâmica geográfica e seus impactos e constrangimentos ambientais. O estudo dos “riscos sistêmicos” traduz as contradições fundamentais da acumulação de capital. O autor conclui que o capital nunca resolve sua tendência a crises.

## AS ESFERAS DE ATIVIDADE

O capital se movimenta em busca de lucro, por meio de diferentes esferas de atividade.

Segundo Harvey, as esferas de atividade são as seguintes: tecnologias e formas de organização; relações sociais; arranjos institucionais e administrativos; processos de produção e trabalho; relações com a natureza; reprodução da vida cotidiana e da espécie; e “concepções mentais do mundo”.

O autor conceitua a formação das crises em termos de tensões e antagonismos que surgem entre as diferentes esferas de atividade. O capital não pode circular ou acumular-se sem tocar em cada uma ou em todas as esferas de alguma forma.

A dinâmica geográfica que surge da esfera da reprodução da vida cotidiana é simultaneamente autônoma e profundamente afetada por suas relações com as outras esferas.

## A GEOGRAFIA DA ACUMULAÇÃO DO CAPITAL E A DESTRUIÇÃO CRIATIVA DA TERRA

As conexões entre a urbanização, a acumulação do capital e a formação de crises são analisadas por Harvey cuidadosamente. Desde seus primórdios, as cidades dependeram da disponibilidade de alimentos e trabalhos excedentes.

O desenvolvimento geográfico desigual é fundamental para sua reprodução. Por outro lado, os capitalistas não podem seguir barreiras geográficas de qualquer espécie — nem espacial nem ambiental —, e estão engajados em uma luta perpétua para burlá-las ou transcendê-las.

Harvey analisa como a acumulação de capital impacta as cidades e como a segregação se reproduz no espaço urbano, avaliando que a geografia do desenvolvimento e da subsequente crise tem sido desigual. A paisagem geográfica é igualmente moldada por uma perpétua tensão entre as economias de centralização, de um lado, e os lucros potencialmente maiores que vêm da descentralização e da dispersão, por outro lado.

A produção do espaço em geral e da urbanização em particular tornou-se um grande negócio no capitalismo, sendo um dos principais meios de absorver o excesso de capital. Ao longo da história tem havido uma tendência para a redução geral das barreiras espaciais e a aceleração da acumulação de capital.

O autor aponta dois grandes processos de destruição criativa na história da humanidade: um é a reconstrução de Paris por Haussmann, outro é a Segunda Guerra Mundial seguida pelas intervenções de Moses em *New York*. O autor evidencia que atualmente a urbanização da China é parcialmente a fonte primária de estabilização do capitalismo mundial como epicentro de um processo de urbanização que se tornou global, ajudado pela integração mundial dos mercados financeiros.

A destruição criativa da terra é entendida no texto de Harvey como produção e reprodução da geografia através dos principais agentes sistêmicos — o Estado e o capital. Os capitalistas e seus agentes se envolveram na produção de uma segunda natureza, a produção ativa de sua geografia, da mesma maneira como produzem todo o resto: como um

empreendimento especulativo, muitas vezes com a conivência e a cumplicidade, senão com a ativa colaboração do aparelho do Estado.

A reorganização drástica da paisagem geográfica da produção, da distribuição e do consumo, com as mudanças nas relações de espaço, não é apenas uma ilustração dramática da tendência do capitalismo para a aniquilação do espaço no decorrer do tempo, mas também implica ataques ferozes de destruição criativa. Existe um campo de contradições dentro da tendência de criar um mundo sem barreiras espaciais.

Segundo Harvey as estratégias políticas, diplomáticas, econômicas e militares mobilizadas pelo aparelho de Estado em seu próprio interesse constituem a lógica territorial. Essas estratégias objetivam controlar e gerenciar as atividades da população no território e acumular poder e riqueza dentro das fronteiras do Estado.

A lógica capitalista, por outro lado, coloca em foco a maneira pela qual o poder do dinheiro flui por e dentro do espaço na busca da acumulação sem fim. Essa lógica é mais processual e molecular do que territorial. O desenvolvimento geográfico desigual é fundamental para a reprodução do capitalismo. No entanto, os capitalistas não podem seguir barreiras geográficas — nem espaciais nem ambientais —, e estão engajados em uma luta perpétua para burlá-las ou transcendê-las.

## OS PROTAGONISTAS DA TRANSFORMAÇÃO

Há tempos o sonho de muitos no mundo é que uma alternativa à (ir)racionalidade capitalista possa ser definida e alcançada racionalmente por meio da mobilização das paixões humanas na busca coletiva de uma vida melhor para todos, trabalhando incessantemente para produzir um futuro diferente do que anuncia o capitalismo.

O desenvolvimento desigual das práticas capitalistas ao redor do mundo tem produzido movimentos anticapitalistas por toda parte, gerando descontentamentos diferentes em comparação com a agitação antineoliberal das lutas que ocorrem em boa parte da América Latina.

O problema central é que, na totalidade, não há movimento anticapitalista suficientemente unificado e decidido capaz de desafiar de modo adequado a reprodução da classe capitalista e a perpetuação do seu poder no cenário mundial. A primeira lição que deve ser aprendida é que um capitalismo ético, sem exploração e socialmente justo que beneficie a todos é impossível. Enfim, esclarecer o enigma do capital, tornando transparente o que o poder político sempre quer manter opaco, é crucial para qualquer estratégia revolucionária.

SONIA ROHLING SOARES | Universidade Federal de Santa Catarina | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | Campus Trindade, Caixa Postal 476, 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil | E-mail: <sonia\_rohling@hotmail.com>.

Recebido em  
30/6/2014 e  
aprovado em  
5/8/2014.